

Damiano Gallinaro

Licenciado em Lei e Antropologia Cultural, doutorando em Etnologia. Experiência de trabalho de campo em Toscana (Italia) para a reconstrução da memória pública das matanças fascistas (2002-2005); em Roma no Hospital S. Gallicano para a tese de licenciatura em antropologia na area de antropologia médica (2005); em ex-Jugoslavia estudos de caso sobre as relações entre etnologia e fronteiras (2002-2009). Trabalho de campo em Cabo Verde finalizado a tese de doutoramento “Antropologia, turismo e redefinição do espaço nas Ilhas do Cabo Verde” (2006-2010).

O PAPEL DO MUSEU DA RESISTÊNCIA DE CHÃO BOM NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DA VILA DO TARRAFAL – CABO VERDE

Damiano Gallinaro

Resumo

O Concelho do Tarrafal é um dos lugares mais privilegiados para passar férias nas ilhas de Cabo Verde. Mas há uma imagem negativa do Concelho que está associada à presença de um Campo de Concentração, entre os anos de 1936 e 1974, na vila de Chão Bom. Entretanto, a valoração dessa Colônia Penal pode ser considerada uma oportunidade para melhorar a imagem da região e favorecer a sua projeção internacional.

Com a resolução 33/2006, o Campo de Concentração foi considerado Patrimônio Nacional da República e o dia 29 de Outubro, Dia da Resistência Antifascista.

Porém, que papel pode ter um museu no desenvolvimento do turismo dessa região? Como os moradores do Tarrafal relacionam suas histórias com o Campo de Concentração? Quais são as estratégias de desenvolvimento da implementação e futuro de um museu?

Palavras-chave: Museus, Patrimônio, Turismo, Espaço, Comunicação

Abstract

Tarrafal's region is one of the favourite tourist place in Cape Verde Islands. However, the negative image of the place is linked with the presence from 1936 to 1974 of a Concentration Camp built in the village of Chão Bom. Despite everything, the exploitation of this prison can be an opportunity to improve the image of the region and promote its international profile.

By the Resolution 33/2006, the field was considered National Treasures and October 29, the day of anti-fascist resistance.

But, what is the role that the museum can have in developing tourism in this region? How people feel the relationship with the field and its history? What are the strategies of development?

Keywords: Museums, Heritage, Tourism, Spaces, Communications

O Concelho do Tarrafal está situado na Ilha de Santiago, no Arquipélago de Cabo Verde; o Concelho é precisamente a Achada Grande de Chão Bom, local onde foi construída, em 1936, uma “Colônia Penal”. O Arquipélago tem uma área de 4.033 km² e é formado por dez ilhas e treze ilhéus. Especificamente, a Ilha de Santiago tem um comprimento de 54.900 metros e uma largura máxima de 29.000 metros. A nível administrativo, a Ilha é constituída por onze concelhos. O Concelho do Tarrafal, situado no extremo Norte da Ilha, cobre uma área de 212,4 km² e tem uma população de 17.792 habitantes (censo 2001).

Algumas lendas dizem que Tarrafal foi terra de “Tarrafis”, planta com origem em clima tropical seco, outras, que foi lugar de pesca com “Tarrafe”, instrumento de pesca utilizado nos tempos remotos, nas aldeias piscatórias de Cabo Verde. Mas existe uma terceira lenda, inventada a partir do momento de criação do Campo de Concentração, que diz que Tarrafal é o “Inverso do Paraíso prometido aos homens nas Escrituras”. “Terra de onde brota o fel e não o mel.” O pior dos piores locais da pior ilha...”, disse o preso Miguel Francisco Rodrigues no seu testemunho.

Essa descrição vai contra a realidade turística odierna. Tarrafal é um dos lugares mais privilegiados para passar férias nas ilhas de Cabo Verde. A questão é que, associado ao Concelho, existe um Campo de Concentração, criando um certo estigma à região. Para alguns, ainda hoje, falar de Tarrafal é relembrar a tortura, a morte, o fascismo.

Entretanto, Tarrafal possui um potencial turístico natural a ser valorizado e explorado (Costa 2000). No futuro pode ser transformado em um dos maiores centros turísticos de Cabo Verde, mas de fato os 48 anos de existência de uma instalação prisional conotaram o Concelho com as práticas ali aplicadas. Os maus tratos recordados pelos presos políticos que por lá passaram de forma alguma criam condições propícias à apreciação das suas belezas naturais.

O turismo no Tarrafal ocorre fundamentalmente nos finais de semana, quando turistas estrangeiros ou, principalmente, da Cidade da Praia vão para lá. O próprio Campo de Concentração, agora Patrimônio Nacional e Museu de Resistência, atrai pessoas a este local cheio de memória.

Mas Como transformar o problema do Campo em um recurso útil?

O Campo de Concentração do Tarrafal

A escolha do Tarrafal foi relacionada com a sua localização: situa-se distante da Cidade da Praia e afastado dos meios de comunicação. Uma localização ideal para que os testemunhos dos acontecimentos do Campo não se tornassem públicos a todo o mundo.

A construção do Campo foi de inteira responsabilidade do Ministério das Obras Públicas e Telecomunicações. De acordo com o projeto do Ministério, o Campo de Concentração do Tarrafal teria uma área de 1700 hectares, sujeita à ampliação, caso fosse necessário.

Pode-se dividir a construção do Campo de Concentração do Tarrafal em duas fases distintas. A primeira fase (1936-38) com a chegada dos primeiros 150 presos antifascistas, de diversas profissões; as instalações eram tendas de lona sem condições mínimas de habitabilidade e de higiene, faltavam ainda luz e ventilação. O Campo era delimitado por arame farpado em toda a sua volta, impedindo qualquer contato com o exterior. O único edifício de pedra era a cozinha. A segunda fase (até o primeiro fechamento, em 1954) compreende a época das construções dos primeiros pavilhões de pedra e a chegada do médico Esmeraldo Pais Prata. As primeiras construções de alvenaria permitiram a transferência dos reclusos para as novas instalações, dentro do perímetro do Talude.

De fato, foi instalado no Chão Bom ao invés de uma Colônia Penal, como relata o Decreto-lei número 26:539, de Abril de 1936, um verdadeiro Campo de Concentração? Essa prisão foi concebida, pelo menos na teoria, dentro da ótica dos diferentes tipos de estabelecimentos prisionais. Um estabelecimento destinado ao cumprimento de penas, na vertente de prisões especiais, (Decreto lei número 26:643 de 28 de Maio de 1936). Mas, como confirmado pelos testemunhos (Soares 1977, Pires 1975), podemos dizer que, na prática, no Tarrafal funcionou entre 1936-54 um verdadeiro Campo de Concentração como aqueles que foram criados na Europa, na África do Sul e no Brasil, com o intuito de eliminar da vida política e social todos aqueles que eram contra aos ideais e políticas da Ditadura Salazarista. A designação de Colônia Penal constituía uma espécie de eufemismo para que o Governo de Salazar mandasse adiante o projeto de erradicação dos seus opositores sem alarmar a opinião pública.

Um percurso no quotidiano do Campo

A condição de prisioneiros começava a partir do momento em que davam entrada nos navios, nos portos de Lisboa, com destino à Cabo verde. Depois de uma longa viagem (a primeira viagem foi em 18 de Outubro 1936), o desembarque no Tarrafal era em fila indiana, como em todos os momentos formais. Após o desembarque, agrupavam-se de dois em dois e percorriam cerca de 2,5 km a pé, até a “Aldeia da Morte”.

No Tarrafal os reclusos eram levados para a Secretaria da prisão a fim de prestarem algumas informações e entregarem toda a documentação necessária. Depois da

entrada propriamente dita nas muralhas, ou no cerco do Talude, eram verificados e confiscados todos os bens pessoais proibidos dentro das barracas. Existia um regulamento interno obrigatório, desde o levantar até à hora do recolhimento; tudo era alertado pelo sino do Campo.

A vida começava às 5h da manhã; entre às 5h e às 5h30 os reclusos levantavam, vestiam-se, calçavam-se e preparavam-se para o café da manhã. Às 6h tocava o sino para a formação da primeira fila de prisioneiros para então iniciar os trabalhos em um lugar do Campo chamado “Avenida das Acácias”. Depois da formação da fila e do cumprimento ao chefe dos guardas, fazia-se então a distribuição das tarefas ou das brigadas. Às 10h30, o sino tocava para o término do trabalho da manhã; às 11h era o sinal para o almoço, depois, entre às 12h e às 14h, o período de descanso nas barracas ou nos pavilhões. Era um período de silêncio absoluto. Às 14h tocava o sino para formar a fila e então iniciar os trabalhos da tarde. O trabalho decorria entre às 14h e às 16h30h; os reclusos tinham uma hora para se prepararem para o jantar; às 17h30 tocava o sino para o jantar. O período entre o jantar e o recolher era considerado pelos reclusos como um grande momento de convivência, dedicavam-se às leituras, às conversas; era um dos momentos de maior liberdade no quotidiano dentro do campo. À 20h30 tocava o sino para o recolher; depois da contagem dos prisioneiros em frente de suas camas. Em seguida, o som do corneteiro tocava o “silêncio absoluto”.

Aos fins-de-semana, sábados e domingos, não havia brigadas fora do Campo. Esse dias eram reservados às limpezas e às arrumações. O sábado era chamado o dia da batalha contra os parasitas. O domingo era considerado dia de descanso.

Naturalmente, as condições de habitabilidade no Campo, como era da prever, não eram as mais desejadas. A destruição das barracas pelos fenômenos da natureza acarretou nas primeiras construções em pedra; a vida dentro dos pavilhões ficou mais organizada e melhorou a limpeza, mas faltava conforto e proteção contra mosquitos. A falta de condições de habitabilidade também estava diretamente ligada à falta de água, que durante muito tempo tinha que ser transportada de outros lugares (o poço de Chão Bom) pela Brigada d’água, constituída por um grupo de oito reclusos. A assistência médica e medicamentosa era deficitária, senão mesmo inexistente. Só em Abril de 1937 é que se apresenta um médico, mas o seu trabalho não era para curar e sim “para passar certidões de óbito”.

A permanente falta de medicamentos e de assistência médica se refletia na vida diária, vindo a falecer os primeiros reclusos. No período entre 1936-1954, faleceram 34 antifascistas, em um total de 360 reclusos.

O ambiente de mal-estar era a realidade permanente no quotidiano da prisão; o culminar das práticas de maus-tratos teve o seu impacto com a inauguração

e funcionamento da Frigideira. Esse espaço situava-se a cerca de 300 metros do portão principal da entrada do Talude e a uns 100 metros da companhia dos soldados angolanos. Era uma pequena construção completamente fechada cujas paredes, chão e teto eram constituídos por cimento. Era um bloco em forma de retângulo com cerca de cinco a seis metros de comprimento por três de largura e dividido ao meio por uma parede que formava duas celas. Tinha uma única porta em ferro. Era exposta à permanente ação do sol. A renovação do ar só era feita quando a porta era aberta nos períodos de entrega das refeições, de manhã e à tarde. A alimentação era a pão e água e não existia sabão nem água para banho. Com o fim da Guerra Mundial e as fortes pressões da Comunidade Internacional, a Frigideira foi completamente desmantelada e os seus restos foram enterrados em Ribeira dos Flamengos; por cima deles foi construída uma escola primária. Contudo, foi construída na área onde se situava uma pequena capela em memória de todos aqueles que sofreram nesse espaço.

Em de Janeiro de 1944, foram liberados dois alemães, um polaco e o italiano Bartolini; em Outubro de 1945 foi decretada anistia para cento e dez presos. A partir desse momento, o Campo passou a funcionar com cerca de quarenta reclusos. O campo fechou “suas portas” em 26 de Janeiro de 1954, mas só dois anos depois foi legalmente fechado.

Após um período de sete anos de fechamento (1954-1961), o espaço físico do então Campo de Concentração reabriu em 1961 com o surgimento da Guerra Colonial, para funcionar como Campo de Trabalho, destinado aos presos africanos de delitos políticos e comuns.

Com o fim da Guerra Colonial e o 25 de abril de 1974, e conseqüentemente com a Independência de Cabo Verde, o mesmo espaço passou a funcionar, entre 1975-1985, como centro de recrutamento e quartel militar, albergando as tropas do exército Caboverdiano. Entretanto, com o encerramento do quartel militar esse espaço ficou completamente voltado ao abandono.

O futuro do Museu e o papel no desenvolvimento turístico do Concelho do Tarrafal

A falta de conhecimento do valor e da importância que esse patrimônio podia ter para a história, levou a que as casernas da PIDE fossem completamente destruídas, pelas ordens do poder local, na década de noventa. No entanto, o antigo Campo de Concentração passou a ser objeto de estudo e de análise do Governo com o objetivo de o transformar em Museu da Resistência. Apesar de já terem sido feitas algumas obras de recuperação, falta muito para que o futuro Museu da Resistência torne-se uma realidade.

Com a resolução 33/2006 essa prisão é decretada Patrimônio Nacional da República de Cabo Verde e o dia 29 de Outubro, Dia da Resistência Antifascista. Os Caboverdianos em geral, e os naturais do Concelho em particular, desconhecem, na maioria, aquilo que de certa forma faz parte da sua própria história. O valor histórico daquele espaço para a maior parte dos naturais da Ilha de Santiago é desconhecido e insignificante. O antigo Campo de Concentração e Campo de Trabalho do Tarrafal constitui um patrimônio histórico e político que merece ser valorizado.

Sendo o turismo uma das fontes econômicas deste Concelho, a valorização do Tarrafal enquanto ponto de atração turística promovida pela Câmara, constitui uma estratégia positiva de turismo ecológico e cultural. É urgente que se divulgue o valor do seu passado histórico, da sua cultura antes que todas as vozes das testemunhas sejam apagadas (Gallinaro 2005). Para tal, a transformação do antigo Campo de Concentração do Tarrafal em Museu da Resistência será uma das fontes vivas para a valorização do turismo no Concelho.

Mas ainda há muito a ser feito. Embora um bom trabalho (Tavares 2007) tem sido realizado no que diz respeito à reconstrução histórica da primeira fase do Campo de Concentração, falta um estudo aprofundado sobre a segunda fase (1961-1974), durante a Guerra Colonial, quando funcionava como campo de trabalho, destinado aos presos políticos e comuns africanos.

Um primeiro passo foi a organização do Simpósio Internacional, em Maio de 2009. Logo após o Simpósio, na cela de prisioneiros de Angola, foi criada uma série de cartazes com fotografias dos presos com as suas reflexões sobre o campo e à vida cotidiana.

O Governo de Cabo Verde está trabalhando para tornar o campo Patrimônio da Humanidade. O Campo deve se tornar um lugar onde são recolhidas pequenas histórias que possam reconstruir essa grande e horrível história que foi a Guerra Colonial.

Mas quais são as estratégias para o desenvolvimento do museu e quais os exemplos a seguir?

Além da galeria de imagens e histórias que foram mencionadas, falta quase tudo. Visitas guiadas não são possíveis e há apenas uma sala de leitura que serve como ponto de informação, aberta apenas com agendamento.

Entretanto, o fato de o campo estar, neste momento, em seu estado original, sem sofrer intervenções que visem transformar o espaço, pode ser um recurso.

Se observarmos outras experiências relacionadas com a instalação de exposições dentro de Campos de Concentração, especialmente na Alemanha, poderemos notar quantas vezes as medidas de reestruturação alteraram significativamente o que era

a composição original do Campo (Feltri 2000). Em outros casos, essas reformas eram necessárias (como em Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen) a fim de recuperar os edifícios e dismantelar estruturas falsas. No entanto, não há inserções falsas no Campo do Tarrafal, os trabalhos necessários são apenas os que visam a conservação dos edifícios.

Na experiência alemã(Gilcher-Holtey 2001), para que um espaço histórico possa ser considerado um “lugar de memória” (Gedenkstätte, em alemão) deve ser:

- 1) “autêntico”, que está ligado aos crimes do fascismo e aberto ao público
- 2) devem possuir uma exposição permanente (possivelmente para reconstruir a história completa do lugar)
- 3) deve ser realizado com continuidade um programa de educação e pesquisa.

Precisa-se, no caso do Museu do Tarrafal, de um grande esforço, ainda em curso, a fim de fazer com que os espaços históricos sejam bem compreendidos pelos visitantes. Faltam legendas bilíngües (pelo menos em Espanhol ou Inglês), e interatividade.

A instalação deve envolver o espectador (sem alterar a estrutura original do campo) a nível cognoscitivo antes que emocionalmente, transformando-o em uma espécie de pesquisador.

São portanto necessárias atividades educativas que estejam baseadas em uma participação total, levando a criação de uma ponte entre o presente e o passado. Ainda mais importante é a inclusão do futuro Museu nas redes integradas de Museus da Memória. Só desta forma cria-se um vínculo com o lugar que pode ser uma alavanca para um novo tipo de turismo que não está mais ligado exclusivamente ao sol e mar, mas ao turismo cultural que ainda falta no arquipélago de Cabo Verde.

Referências

Costa M.(2000) O Turismo e as Suas Implicações no Concelho do Tarrafal, Tese para a obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia, Praia, UNICV

Feltri F.M.(2000) “Un Passato Ingombrante. La Gestione dei Luoghi della Memoria in Germania Dopo la Riunificazione”, Novecento,3,pp.135-138.

Gallinaro D.(2005), “Prima Che si Dimentichi Tutto. Il ricordo e L’attualizzazione della Memoria della Strage di Sant’Anna” in Pietro Clemente –Fabio Dei et al.(orgs), Poetiche e Politiche del Ricordo, Roma, Carocci editore

Gilcher-Holtey I.(2001) “Chi Definisce Ciò che Deve Essere Ricordato? Sulla Costruzione della Memoria Collettiva Nella Bundesrepublik”, Novecento,5,pp.23-70

Pires Correia(1975) Memórias de um Prisioneiro do Tarrafal, Lisboa, Ed. Deagà

Soares Pedro(1977) Tarrafal Campo da Morte Lenta, Lisboa, Ed. Avante,

Tavares José Manuel Soares(2007) O Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954). A Origem e o Quotidiano, Lisboa, Edições Colibri.

Páginas web:

“Sobre o Campo de Concentração de Buchenwald” <http://www.buchenwald.de> (acedido em 25 julho 2009)

“Sobre o Campo de Concentração de Dachau” <http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de> (acedido em 27 julho 2009)

“Sobre o Campo de Concentração de Sachsenhausen <http://www.gedenkstaette-sachsenhausen.de> (acedido em 27 julho 2009)

“Sobre Topographie des Terrors” <http://www.topographie.de> (acedido em 30 julho 2009)